CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil. São Paulo. Companhia das Letras: 1990

Capitulo IV

“Um dos elementos marcantes do imaginário republicano francês foi o uso da alegoria feminina para representar a República.” (p.75)

“ Da Primeira à Terceira República, em 1792, a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa, representando seja a liberdade, seja a revolução, seja a república” (p. 75)

“A mesma representação foi por longo tempo mantida em *O Paiz*, o jornal semi-oficial, dirigido por Quintino Bocaiuva. Julião Machado aí conservou a figura estilizada à antiga, mesmo quando, a partir do início do século, a maioria de seus colegas de imprensa já começava a ridicularizar o novo regime, pela caricaturização da representação feminina. Até o final do século, jornais e revistas não de afastaram do modelo estabelecido pela *Revista Illustrada*.” (p. 80)

“De fato, bem depressa os caricaturistas passaram a usar a figura feminina para ridicularizar a República. É certo que os inimigos da República fizeram o mesmo na França. A virgem ou a mulher heroica dos republicanos era facilmente transformada em mulher da vida, em prostituta. A diferença é que no Brasil essa representação foi a dominante, sendo usada mesmo pelos que inicialmente tinham apoiado o antigo regime.” (p.87)

“Entre nós, se o povo masculino esteve ausente da proclamação, que dizer do povo feminino? Se não havia povo masculino, como pensar em povo político feminino? Havia uma elite política de homens, que eram chamados públicos. A mulher, se publica, era prostituta. Mesmo na fase jacobina da República, durante o governo de Floriano, a participação era exclusivamente masculina. Não só as mulheres não participavam, como não era considerado próprio para elas participarem. Politica era coisa de homem.” (p. 92)

“Mas mesmo dentro da visão romântica não ocorreu aos escritores nem aos pintores representar o Brasil, ou pátria, como mulher – ou seja, como índia. O Brasil, no império, foi, sim, representado como índio, reflexo do nativismo romântico. As índias de nossos pintores nada tinham a ver com a nação. Seria isso devido a presença de um monarca frente ao governo, ao patriarcalismo predominante na sociedade? O império, sistema centralizador, interventor, estatista, seria masculino? O Brasil feminino estaria limitado a Igreja, e as igrejas? Ficam as perguntas.” (p. 95)

“ A Republica não era bela, não era desejável, não era a liberdade, a nação. Da parte da moça, o berrante era apenas uma peça de vestimenta, moda, não muito diferente do traje de banho que usava.” (p.96)